

80 Anos



**Colégio Sagrado
Coração de Maria**

Maria Clotilde Batista Vieira





OITENTA ANOS



Sacré - Coeur de Marie
Ubá

1911 — 1991

Maria Clotilde Batista Vieira

ORIENTAL ANDES



Saint - Cloud de Marie

1981

1981 — 1981

Marie (Saint-Cloud) Saint

ÍNDICE

Introdução	7
Mére Maria de Aquino	11
Adeus à Pátria	15
De Portugal ao Brasil	16
De Ouro Preto a Mariana	18
Em Sete Lagoas	20
As Dificuldades em Sete Lagoas	22
De Sete Lagoas a Ubá	24
A Recepção em Ubá	26
A Instalação do Colégio	28
A Segunda Sede do Colégio	30
A Cápela	31
A Capelania	33
Tempos Difíceis	36
Fechar uma Casa da Congregação é Retroceder	38
E a Luta Continua	40
Adendo	42

INTRODUÇÃO

A HISTÓRIA DE UBÁ, é rica de atos de abnegação e renúncia de seus filhos que trabalharam pelo progresso e desenvolvimento do município. Entre os nomes que a História cultua e admira estão os EDUCADORES, que constituíram um grupo unido para implantar escolas em Ubá: Levindo Coelho, Monsenhor Paiva Campos, Arduino Bolivar, João Câncio da Costa Prazeres, José Augusto de Resende, Sebastião Ramos de Castro, Sebastião Cotta, José Januário Carneiro, Maria Augusta Carneiro, Lívio de Castro Carneiro, todos no século XX, chegados a Ubá no ano 1903.

Sem esquecer os educadores radicados em Ubá desde o século XIX, como Carlos Peixoto de Mello, Carlos Brandão, Rita de Cássia Mayrinck Seixas Brandão, Rosalina Brandão, Samuel Brandão, Padre Felício de Abreu e Silva, Carlos Manuel Soares

Os colégios fundados no século XIX e XX, passaram: Colégio Ubaense, Colégio Samuel Brandão, Aula Regina Godinho, Colégio Brasileiro, Colégio Santo Rosário, Externato São Vicente, e tantos outros mais, desapareceram, extintos pelas perseguições políticas, como a ESCOLA DE FARMÁCIA E ODONTOLOGIA DE UBÁ, do eminente educador Lívio Carneiro.

Somente o COLÉGIO SACRÉ-COEUR DE MARIE, permaneceu até hoje, enfrentando crises sérias, mas alicerçado na divisa: «TUDO A JESUS POR MARIA», vencendo cada batalha que a EDUCAÇÃO enfrenta.

Voltamos hoje ao ano 1911, quando Maria de Aquino, aos pés de Virgem de Lourdes prometeu: Ofereço-me a todos os Sacrifícios para Salvar minhas filhas.

Com essa admirável promessa, salvou milhares de jovens ubaenses e brasileiras, iluminado-lhes os espíritos com a LUZ do Evangelho e da Sabedoria.

Ubá, 22 de junho, octogésimo ano da FUNDAÇÃO do Sacré - Coeur em Ubá.

MARIA CLOTILDE BATISTA VIEIRA

Presidente da Academia Ubaense de Letras

Na História de Educação em Ubá, no século XX, destaca-se o empenho de um grupo de homens para fundar na cidade, um colégio normal para o sexo feminino.

Ubá, cognominada Atenas de Minas, pelo elevado número de escolas particulares, dirigidas por afamados professores, conhecidos na antiga capital de Minas Gerais, Ouro Preto e Mariana, trouxe com razão a fama de cidade onde o intelecto era cultivado.

Desde o Padre Felício de Abreu e Silva, que fundou o Colégio Ubaense em 1856, até Dr. Cândido Maquiás Bolívar, pai de Arduino Bolívar, que em 1860 fundou o Colégio Vidal, o ensino era mais voltado para o lado masculino.

Grandes professores, vindos da Côrte, como Dr. Samuel Brandão, lente de inglês do afamado COLÉGIO ABÍLIO, do Rio de Janeiro, radicaram-se em Ubá. Samuel Brandão em 1873 fundou o célebre Colégio Samuel Brandão, onde Raul Soares adquiriu o farto conhecimento de latim, que o tornou um filólogo, autor de uma tese linguística, "O POETA CRISFAL", base para sua entrada para a Academia Paulista de Letras.

O emérito educador José Januário Carneiro, também estudou com Samuel Brandão, além de outros grandes educadores de Ubá.

Mas um educador que jamais ocupou uma cátedra oficial, porém Ubá muito lhe deve, é Monsenhor José Corrêa de Paiva Campos

Esse sacerdote veio para Ubá em 1903, como co-adjutor do padre João Severiano e em 1907, após a morte do Padre João Severiano, tornou-se o vigário da Paróquia de São Januário.

Desde que aqui chegou, em 1903, ajuntou se a Levindo Coelho, José Augusto de Resende, Dr João Cândio da Costa Prazeres, Dr. Arduino Fontes Bolívar e Cel. Carlos Brandão, para fundar uma escola do segundo grau, destinada a formar normalistas.

Paiva Campos era incansável nesse propósito e, a cada tentativa que fracassava, como a implantação do Colegio Santo Rosário, em 1904; a Escola Normal, em 1906, que o Governo de Minas vetou por 'falta de verba' (como sempre) até a chegada de um telegrama de D. Silverio Gomes Pimenta, em 12 de abril de 1911 que trans-

crevemos integralmente:

‘Mariana, 12 de abril de 1911.

Queridíssimo Mons. Paiva.

Chegaram-me da Europa algumas religiosas, vítimas da sanha do governo português. Não tenho onde colocá las atualmente e sabendo do empenho de V. por um Colegio para meninas, nessa católica cidade, pergunto se as quer para aí?

Consulte os homens de valor, seus amigos e, no caso afirmativo, mande dinheiro para a viagem as pobres filhas de Nossa Senhora, quem em Sete Lagos estão à mingua do necessário.

Silvério, Arcebispo de Mariana.

A resposta telegráfica foi imediata.

“Aceito religiosas presente do céu. Remeti necessário Sete Lagoas Segue carta Vossa Excelência.”

Cumpria-se desta forma o pedido constante ao Coração de Jesus, que o virtuoso sacerdote cultuava, pedindo-lhe que enviasse para Ubá irmãs religiosas educadoras.

Cumpria-se sua esperança, manifestada ao major Sebastião Cotta, quando este perguntou-lhe sobre a Escola Normal, fracassada em 1904 e em 1906:

Dia 6 de janeiro de 1906, o major Sebastião Cotta perguntou-lhe:

— “Então, Monsenhor, que é da Escola Normal?”

Este num arroubo de fé, respondeu-lhe:

“O Coração de Jesus não há de faltar me com o amparo: Antes que Deus no chame deste mundo ou nos retiremos desta cidade, havemos de ver funcionar aqui uma Escola Normal em proveito de tantas moças que muito precisam de instrução.”

E durante cinco anos Paiva Campos bateu às portas das Dioceses, pedindo irmãs religiosas, educadoras, para Ubá, a terra que tanto amou e que tanto lhe foi ingrata pelas perseguições que sofreu, unicamente porque preferiu Rui Barbosa ao marechal HERMES :

Monsenhor Paiva Campos foi tão perseguido politicamente, que resignou ao cargo de Vigário da Paróquia, mas continuou a residir em Ubá, até morrer, tuberculoso e tão pobre, que precisou vender tudo o que

tinha, oficina gráfica, instrumentos musicais, inclusive seu piano, para sustentar-se e pagar dívidas de farmácia.

Nessa comemoração dos oitentas anos da fundação do Colégio Sagrado Coração de Maria, devemos estabelecer uma ligação com a devoção de Monsenhor Piva Campos ao Coração de Jesus, quando este enviou-lhe para cuidar das moças de sua Paróquia, as filhas de Coração de Maria

Não foram as irmãs Dominicanas as escolhidas por Jesus, e sim, as filhas de Santíssima mãe Maria.

Quase um século de trabalho contínuo.

Tendo familiares religiosas nesta congregação, participei alguns anos de seu corpo decente e amizado com as religiosas.

Mére Saint Marie, Mére Loyola, Mére Perpétuo Socorro, Mére Padou etantas outras, com as quais convivi, na Obra dos Tubernáculos ou na Associação das Antigas Alunas, foram anos felizes de grandes participações religiosas.

Voltaremos a evocar saudades, na História deste educandário em Ubá.

“ MÉRE MARIA DE AQUINO ”

Entre tantas religiosas de Congregação, neste octagésimo aniversário da fundação do Sacré-Coeur de Marie no Brasil, especialmente em Ubá, núcleo mãe, de onde surgiram as demais Casas, um nome precisa ser lembrado pelas mais antigas e conhecido pelas alunas e mesmo irmãs mais novas da Congregação, como modelo de virtude, coragem e persistência no alcance aos objetivos de sua vocação: Mére Maria de Aquino Vieira Ribeiro, fundadora da Casa em Ubá.

Essa santa e admirável vocação nasceu em CHAVES, Portugal, dia 21 de novembro de 1870, filha de Bernardo Vieira Ribeiro e Emília Vieira Ribeiro.

Foi batizada dia 28 de novembro, por seu padrinho, padre Antônio Nascimento Vieira Ribeiro, irmão de seu pai.

Padre Antônio consagrou Emília a Nossa Senhora das Dores, como sua afilhada.

Emília era a sexta de uma irmandade composta pelos irmãos: Domingos, Antônio, Manoel, Maria, Carlota e ela própria.

Pertencia a uma família abastada e foi educada da sala à cozinha: conhecia música e tocava piano, o bordado não lhe conhecia segredos e na arte culinária, foi muitas vezes à cozinha, de mangas arregaçadas e avental sobre o Hábito, fazer alguma iguaria para as visitas à casa. Desde os cinco anos frequentava a Igreja das Freiras, como era conhecida a Capela do Convento de Nossa Senhora da Conceição, em CHAVES.

E foi nesta Igreja do Mosteiro que Emília sentiu o primeiro chamado à vocação religiosa.

Em 1885, aos quinze anos ficou órfã de pai.

Sua mãe apega-se mais aos filhos.

Mas um fato vem chamar Emília à ação.

Dia 1º de maio de 1886, chegam a CHAVES três religiosas do Sacré-Coeur de Marie, dirigem-se ao velho mosteiro de Nossa Senhora da Conceição

Foi o início da transformação do Mosteiro da freiras Capuchas num colégio do Sacré-Coeur de Marie,

em terras portuguesas.

A antiga cidade ressucitou em entusiasmo. A fundação do colégio trouxe maior dinamismo à vida religiosa e Emilia não fugiu a esta influência. Emilia comunica seu desejo de tornar-se religiosa.

A mãe recusa: “Ai, perder minha rica filhinha, nunca!”

Emília cala-se e espera.

Meses depois, arrefecidos os ânimos, nova tentativa para entrar para o convento.

Comunica sua decisão à Carlota que a acompanha até ao colégio, mas sua mãe descobre e vai até onde encontra se a filha, levando consigo a filha Maria e um cão de guarda, muito feroz!

Ao chegarem junto a irmã da portaria, D. Emilia diz imperiosamente :

— “Quero minha filha!”

Foi um alvoroço.

O cão, ouvindo a voz irritada da dona, começa a latir, as freiras correm assustadas e Emilia, que estava no interior, conversando com o padre Capelão, corre ao encontro da mãe, abraçando-a e tranquilizando-a, disse-lhe meigamente:

— “Pode estar tranquila mamãe. Não faça isso!”
Voltou para casa.

Corria o ano de 1883 e Emilia contava dezenove primaveras.

Em 1894 o Colégio Sagrado Coração de Maria fechou suas portas em CHAVES. Foi um golpe duro para Emilia e esta disse à irmã Carlota, sua confidente e amiga:

— “Não posso mais esperar. Tu ficarás com a mãe e velarás por ela.”

— “Eu t’o prometo, querida irmã. Podes estar sossegada.”

Emília estava com 24 anos.

Para sair de casa, Emilia pediu permissão à mãe

para uma pequena viagem de recreio e acompanhada por seu irmão Antônio, dia 15 de agosto de 1894, viaja para o PORTO. Era o dia consagrado à gloriosa Ascensão da Virgem Maria e Emília também subia para o céu terreno de sua vocação.

Dia 18 de agosto é recebida como Postulante, pela Mére Superiora Santo Thomás.

Em 1897, a TOMADA DO HÁBITO, em BEZIERS, num dia 1º de maio.

— “Minha filha, de hoje em diante vos chamareis Irmã Maria de Aquino.”

O passado ressurge na mente da freira:

Dia 1º de maio de 1886 chegam a Chaves as filhas do Coração de Maria.

Dia 1º de maio de 1887, a Tomada de Hábito!

Mére Maria de Aquino permaneceu em Beziers ate ao final de 1899 e depois, ao fim do ano, regressou a Portugal, juntamente com mais três religiosas, sendo ela designada para a Casa do PORTO;

Em 1903, os Votos Perpetuos, em 30 de setembro e já em 1904 parte como MESTRA DAS NOVIÇAS para PENAFIEL.

Numa rápida ascensão, em 1907 foi transferida como Superiora para o collegio de BRAGA, onde exerceu seu apostolado de educadora pela última vez em terras de Portugal.

O ano de 1910 foi o início do calvário das religiosas portuguesas.

Os revolucionários iniciaram o governo perseguindo a religião católica.

Padres e freiras foram expulsos de Portugal, como criminosos degredados.

Mére Maria de Aquino, voltando das férias, na Quinta do ADUFE, preparavam-se para o início das aulas quando foi surpreendida com o Decreto do Governo, expulsando as religiosas católicas.

A Provincial Mére Eucaristia Lancastre, reuniu

todas as Superioras da Congregação em Portugal e ante a desolação geral sugeriu que as religiosas voltassem para as suas famílias.

“Abandonar o Hábito?”

— Nunca!

Mére Maria de Aquino não desfalece:

“— Coragem, filhas! Nós nos reuniremos outra vez!”

Em suas orações, o Brasil surge com o porto seguro.

Se a Pátria as rejeita, a terra da Santa Cruz há de recebê-las.

Mére Maria de Aquino reúne-se à Mere Eucaristia e ambas partem para BEZIERS, expor à Madre Geral o plano da viagem para o Brasil.

No trajeto para Beziers, as religiosas param em LURDES e aos pés da Virgem, rogam pelo sucesso da viagem.

A Superiora Geral concorda com a ida para o Brasil, mas pondera sobre a temeridade do projeto.

Mas Mere Maria de Aquino havia confidenciado à Virgem Maria em LURDES:

“— Ofereço-me, Ó Virgem Maria a todos os sacrifícios para salvar minhas filhas!”

Oferecimento que honrou, ate o dia de sua morte, em 19 de dezembro de 1937, em Belo Horizonte.

ADEUS À PÁTRIA

Com a aprovação da Mére Provincial, as duas religiosas regressaram a Portugal para preparar a viagem.

Três foram as escolhidas para os primeiros contactos em terra brasileira: Mére Maria de Aquino, Mére Saint Foy e Mére Maria de Assis.

Enquanto isso, encaixotavam-se alfaias, Hábitos, objetos do culto e tudo o que pudessem levar para o Brasil.

As três pioneiras saíram do PORTO para Leixões, onde deveriam embarcar no CAP VERT, com destino ao exílio.

No trajeto do Porto a Leixões, lembraram-se das passagens e tendo-as esquecido, foi preciso que Mére Maria Imaculada voltasse para buscá-las.

Foram momentos angustiosos de espera, pois o navio partiria às 16 horas.

Mas as orações das aflitas viajantes lhes valeram

O embarque atrasou-se devido ao excesso de carga a ser colocadas nos porões.

Finalmente, às 21:30, horas o navio zarpou do porto, levando as três irmãs para um destino, talvez incerto.

Mére Provincial que assistiu ao embarque disse-lhes entre lágrimas:

— “Vão às terras de Santa Cruz levar o Coração de Maria!”

Mas não sabiam elas que em Ubá, um devoto do Coração de Jesus rezava diariamente, rogando ao Coração de Jesus que lhes enviasse religiosas educadoras!

Após infrutíferas tentativas para instalar uma Escola Normal em Ubá, Monsenhor Paiva Campos desabafou certa vez com Sebastião Ramos de Castro:

“Tenho fé no Sagrado Coração de Jesus de que não morrerei sem antes ver fundado em Ubá um colégio para as moças!”

Em fevereiro de 1911, o Coração de Maria, ternamente Mãe de Jesus, entre lágrimas e sofrimentos, enviaria essas educadoras e por caminhos tortuosos, elas chegariam, finalmente a Ubá.

A travessia marítima foi para Mére Maria de Aquino muito penosa. Enjoou o tempo todo, quase não saiu do camarote.

Mere Maria de Assis e Mere Saint Foy revessavam-se a sua cabeceira minorando-lhe os terríveis enjoos, somente saíam para as refeições.

Na passagem do EQUADOR, a tripulação e passageiros participam das festas promovidas tradicionalmente pelos Comandantes.

E estavam lá, junto aos convidados, em traje da gala, as duas freiras, vestidas de preto, sem ornatos muito tímidas, no meio das comemorações: champanhe estourando, música alegre, fantasiados e muitos enfeites sobre as mesas.

Dia 10 de março de 1911 o CAP VERT ANCOROU NO porto do Rio de Janeiro, ao meio dia.

Ninguém as esperava no cais de desembarque — “Meu DEUS, o que fazer sozinhas nesta cidade desconhecida?”

De posse do endereço do irmão de Maria de Assis, que as deveria estar esperando, as irmãs saíram caminhando, com pesadas malas da roupa mais necessária e entraram na primeira igreja que encontraram.

Estavam famintas e cansadas.

Depois de uma longa oração de confiança ao Coração de Maria, saíram novamente, perguntando a todos os passantes pelo endereço que levavam.

Caminharam durante três horas sob o sol causticante do verão de março, até que, às três horas da tarde, chegaram à casa do irmão de Maria de Assis.

Este desculpou se por não ir esperá-las no cais e depois de uma refeição, as freiras vão, finalmente, descansar.

Dia 11, pela manhã, procuram a igreja São Francisco Xavier para as obrigações diárias da missa e comunhão, depois de dezessete dias da viagem por mar.

Após o almoço Mére Maria de Aquino e Saint Santa Fé, acompanhadas pelo irmão de Maria de Assis,

vão a Alfândega retirar a bagagem.

Mére Maria de Assis ficou em casa rezando para que não houvesse embargo às alfaias religiosas: linhos dos paramentos, O Cálice de prata dourada, a Âmbula, a Custódia, flores, etc., etc.

Eram dezoito volumes, com Hábitos e muita coisa mais.

Os Fiscais da Alfândega, ao ver os Paramentos da Capela, disseram:

— "Trazem aqui tudo o que é necessário para uma linda Capela... Só por um raminho destas flores deveriam pagar..."

As orações de Mére Maria de Assis valeram e o Fiscal disse:

— "Rezem por nós e desculpem-nos haver desarranjado as malas."

Mére Saint Foy escreveria em seu diário: "Como são bons esses brasileiros!"

Ao visitarem a Candelária, deslumbraram-se com sua decoração e riqueza, muito semelhante a BASÍLICA DA ESTRELA, porém mais bonita.

E na igreja encontraram o padre Castanheira, ao qual haviam sido recomendadas pelo Arcebispo de Braga.

As religiosas ficaram então sabendo que estavam destinadas a uma Diocese de Minas Gerais.

À noite deveriam tomar o trem para Ouro Preto e de lá seguir para Mariana onde encontrariam D; Silvério.

Compraram passagens de segunda classe o que lhes trouxe grande cansaço pois a jornada era longa e os bancos de pau não ofereciam comodidade.

Viajaram a noite inteira e chegaram a Ouro Preto às onze horas da manhã. Desembarcaram cobertas de poeira e exaustas, além de famintas.

Pressurosas, indagam a um carregador como chegar a Mariana que elas supunham perto e desta forma caminharam até seu destino, junto a D. Silvério.

Mas, triste decepção.

Um carregador disse-lhes que a distância a percorrer era mais de duas léguas!

Para chegar a Mariana era preciso boas montarias.

DE OURO PRETO A MARIANA

Ao desembarcar e sabendo que precisavam de montarias para chegar ate' Mariana, as irmãs pediram ao carregador que lhes indicasse um hotel onde pudessem comer alguma coisa.

O dono deste serviu-lhes cafe' com pão e percebendo que esta refeição era para substituir o almoço, nada cobrou-lhes e fez mais, conseguiu as montarias necessárias para a viagem a Mariana.

Mere Santa Fe', ao ver a grande e alta mula que lhe fôra destinada, não quis montá-la, dizendo preferir ir a pe'.

Porém 'Mere Maria de Aquino, bondosamente persuadiu a de tentar equilibrar-se na mula.

À saída das três senhoras, vestidas de preto, montadas nas mulas e acompanhadas do guia, causou certa admiração às damas de Ouro Preto que puzeram-se às janelas para olhar a comitiva passar, subindo e descendo as íngremes ladeiras da velha Capital de Minas Gerais.

O sol escaldava a cabeça e as pesadas vestes pretas mais aumentavam o suplicio do calor, ao qual não estavam habituadas.

A chegada a Mariana despertou a mesma curiosidade do povo e acorreram as senhoras às janelas.

Excusado dizer do pudor que tomou as religiosas por verem-se alvo da curiosidade popular.

Finalmente, chegam ao Palácio Episcopal.

Apeam das montarias e apresentam ao porteiro a carta do Arcebispo de BRAZILIA:

O porteiro objeta:

— "O senhor Arcebispo está descansando, mas vou avisar sua irmã D. Jacinta também descansava.

As irmãs não desanimaram:

— "Vamos rezar o terço".

Antes do segundo mistério, o porteiro volta anunciando:

"O senhor Arcebispo virá recebê-las breve."

Este as recebeu bem, mas não queria educado-

ras e sim hospitaleiras.

Deliberou então enviá-las ao padre Sanson, em Sete Lagoas, que desejava fundar um colégio e para este fim, tinha uma Chácara.

O Arcebispo convidou-as para jantar e ao adentrarem a sala da refeição encontraram quatro sacerdotes à mesa.

Um deles, depois de rezado o BENEDICITE, iniciou uma Leitura religiosa e o tema desta era do padre Vieira, falando sobre a inconveniência de certos pedidos.

Essa leitura parecia até de encomenda para elas!

Foi uma penitência o jantar. Estavam sem o hábito e isto lhes trazia vexames.

À noite, foram hospedadas pelas irmãs de São Vicente de Paulo,

Graças a Deus podiam enfim descansar numa clausura, entre colegas.

Na Capela, as três freiras choraram de alegria e emoção diante do Sacrário, ao som do órgão e cantos litúrgicos.

Novos dissabores as esperavam.

D. Silvério não as quis em Mariana conforme o pedido do padre Paretto, Superior dos Salesianos, que de Portugal escrevera ao Arcebispo brasileiro.

Mandou-as ir para Sete Lagoas, via Ouro Preto.

Não tinham mais dinheiro e foi preciso pedir as religiosas de Mariana a quantia necessária para as despesas da viagem.

Humildes, pediram à Superiora que lhes arranjasse dois cavalos: um para a bagagem e outro para as três, que se revesariam no trajeto.

Os animais foram conseguidos.

Uma boa quantia em dinheiro e farta merenda foram oferecidos pelas bondosas irmãs de São Vicente de Paulo.

Fizeram boa viagem até Ouro Preto.

A Via-Sacra seria em Sete Lagoas.

EM SETE LAGOAS

A viagem foi feita em segunda classe.

Desnecessário dizer, do desconforto dos bancos duros, mas não passaram fome, graças às religiosas de São Vicente de Paulo.

Foram recebidas pelo padre Sanson e hospedaram-se em sua residência, onde morava com quatro sobrinhas que faziam todo o serviço da casa.

As dificuldades começaram a aparecer.

A chácara que o padre Sanson pensava servir para um colégio, era apenas uma velha casa em ruínas e onde recentemente falecera uma morfética, pois servia de abrigo aos mendigos do lugar.

Era impossível restaurá-la.

E ficaram as irmãs em Sete Lagoas a espera de uma solução para sua instalação.

A princípio, as três religiosas foram acomodadas na pequena casa do padre Sanson, mas de Portugal, as religiosas começaram a chegar, enviadas pela Superiora Geral, que não tendo notícias, ia mandando mais religiosas.

Depois de algum tempo, já em maio, eram dezessete religiosas alojadas na exiguidade de três quartos pequenos.

As irmãs faziam colchões de palha desfiada com as quais enchiam sacos de linhagem.

À noite, espalhavam os colchões pelo chão e pela manhã os recolhiam, amontoados num canto, para desocupar lugar.

Nessa ocasião, o padre foi dormir na sacristia da igreja, para ceder espaço às freiras.

Mas o pior desse período foi a falta de alimentação.

As sobrinhas do padre, por sua pouca experiência, faziam sempre a mesma quantidade de arroz ou feijão, embora a quantidade de comensais aumentasse a cada dia.

As refeições eram servida sem dois turnos.

Quem servia-se primeiro, comia pouco para

deixar para as irmãs do segundo turno.

Quantas vezes aquelas jovens freiras, saudáveis e bem alimentadas, desmaiaram de fome em Sete Lagoas?

Para enganar a fome, chupavam laranjas do quintal, mas estas agiam como estimulantes do apetite. Foram abandonadas, . .

Já às vésperas de sua saída, Mére Maria de Aquino teve a feliz idéia de oferecer ao padre Sanson para tomar conta da cozinha e fazer a despesa.

Desde então os desmaios das irmãs deixaram de acontecer.

O padre Sanson conseguiu formar um grupo de homens para adquirir um imóvel e fundar o colégio.

D. Silvério providenciava junto ao vigário de Itapecerica para a instalação de outro colégio nesta cidade.

As Paróquias movimentavam-se: Ouro Preto, Cataguases e, finalmente Ubá.

D. Silvério em 12 de abril escrevia a Monsenhor Paiva Campos:

“Queridíssimo Monsenhor Paiva.

Chegaram-me da Europa algumas religiosas, vítimas da sanha do governo português. Não tendo onde colocá-las atualmente, e sabendo do empenho de V. Rvdma por um colégio para meninas nessa católica cidade, pergunto se as quer para aí.

Consulte os homens de valor, seus amigos e, no caso afirmativo mande dinheiro para viagem às pobres filhas de Nosso Senhor que estão à mingua do necessário.

Silverio, Arcebispo de Mariana.

Quando Mere Maria de Aquino chegou do Rio, esperava-a três cartas, mas dentre estas, a carta de Monsenhor Paiva, trazia o dinheiro das passagens.

Ubá, chegou primeiro às mãos da santa criatura e foi para Ubá que ela resolveu viajar, depois de ler a resposta de Monsenhor Paiva Campos:

“Aceito religiosas presente do ceu”

Em Ubá chegaram dia 13 de maio de 1911.

AS DIFICULDADES EM SETE LAGOAS

De março a maio de 1911, as religiosas passaram muitas dificuldades.

Não se fala nas saudades da Pátria nem na incerteza de sua instalação no Brasil, sem dinheiro, tendo apenas a Superiora, Mere Maria de Aquino, como a mãe responsável pelas suas filhas espirituais.

Não foi em vão que esta, ao caminho de BEZIERS, rogou à VIRGEM DE LURDES.

“Ofereço-me a todos os sacrifícios para salvar minhas filhas!”

Este oferecimento ele o manteve a cada ano e ate' morrer.

De março a abril, chegaram dezessete religiosas para Sete Lagoas.

A casa do padre Sanson era pequena.

Não havia acomodações suficientes.

A cada grupo que chegava, alegre e confiante à nova Pátria, o coração de Mére Maria de Aquino afligia-se de preocupações para comunicar ao padre Sanson que as suas hóspedes aumentariam.

Com suas próprias mãos, desfiava palha de milho para encher sacos de linhagem e fazer colchões que eram espalhados à noite pelo chão.

Como Superiora, ela dormia num sofá na sala de visitas.

Escusado dizer que o sofá era curto, estreito e duro.

Um gravíssimo problema com a alimentação surgira.

As sobrinhas do padre Sanson, embora as comensais aumentassem, não aumentavam a quantidade do arroz e feijão ou verduras da refeição.

Já em fins de abril, Mére Maria de Aquino propôs ao padre Sanson tomar conta da cozinha e custear as refeições, o que sanou a constante fome das irmãs.

Imagine como as freiras portuguesas estranharam o cardápio diário.

Contava-me meu pai, português de Lisboa, que

Das fazendas vinham carros cheios de arroz, feijão, fubá, verduras e bandas de capados, etc., etc.

A casa limpa e mobiliada estava pronta para receber as Filhas de Coração de Maria.

Ubá engalanava-se. Conferências eram realizadas para anunciar a Boa Nova.

A RECEPÇÃO EM UBÁ

Eaquanto em Sete Lagoas providenciava - se a vinda para Ubá, Monsenhor Paiva Campos ultimava as acomodações para receber as freiras.

A data escolhida por ele era o dia consagrado a Festa do Coração de Jesus, 23 de junho, dia em que seria instalado o Colégio Sagrado Coração de Maria

A recepção às irmãs foi dia 22 de junho, às 16:20 horas.

Desde às 15 30 a estação estava repleta com as famílias e autoridades municipais que receberiam oficialmente as religiosas.

Quando o expresso parou na estação, foram recebidas pelo Chefe do Executivo, Dr. Carlos Peixoto de Mello, que em candentes palavras manifestou a alegria do povo de Ubá.

A banda Sagrado Coração de Jesus, dirigida por Monsenhor Paiva Campos tocou um vibrante dobrado.

Crianças jogaram rosas desfolhadas à passagem das irmãs e as senhoras vestidas primorosamente, sorriam, cumprimentando-as ou beijando-lhes as mãos.

Formou se um cortejo pelas ruas apinhadas pelo povo, convidado insistentemente por Monsenhor Paiva

Diversos oradores, situados em pontos do percurso saudaram as religiosas.

O segundo orador, Dr. José Augusto de Resende, educador de Ubá, que falou em nome do Jornal "O MOVIMENTO", de Dr. Levindo Coelho. Seu discurso foi defronte sua residência, à Rua São José.

A "GAZETA DE UBÁ". foi representada pelo Cel Carlos Brandão, outro lutador pela Educação em Ubá, que saudou as religiosas.

Dr. Sebastião Ramos de Castro falou como representante da "FOLHA DO POVO", há essa época pertencente a Dr Cristiano Rôças.

Finalmente, Antônio Augusto de Resende, poeta e orador, em belo improviso, saudou as freiras "como um presente do céu", em nome de "O APÓSTOLO", de

Monsenhor Paiva Campos.

Após os discursos, solene "TE-DEUM" na matriz, oficiado pelo padre Lourenço Musacchio e Ibrahim Caputo.

Os dias tristes da chegada ao Rio de Janeiro, sem ninguém a esperá-las no cais de desembarque, as atribuladas e cansativas viagens de Ouro Preto a Mariana ou Sete Lagoas, apagaram-se das recordações das irmãs portuguesas exiladas da Pátria.

A INSTALAÇÃO DO COLÉGIO

Após o solene "TE-DEUM", as religiosas recolheram-se à Casa Paroquial, onde uma farta mesa de finas iguarias as esperava.

As mulheres ubaenses esmeraram-se no preparo desta primeira refeição para as portuguesas.

Mére Santa Fé não se cansava de louvar a carinhosa recepção.

Depois de uma noite de descanso, raiou o dia 23 de junho.

Três missas: às 7, às 9 e às 11 horas.

À tarde, após um lauto almoço oferecido pelas famílias e servido pelas senhoras da sociedade, formou-se novamente um cortejo para conduzir as religiosas ao futuro colégio.

A comitiva partiu da Casa Paroquial.

Dr. Carlos Peixoto de Mello. Dr. Arthur Rodrigues, Monsenhor Paiva Campos. Dr. Levindo e esposa, Dr. Arduino Bolivar, Dr. João Câncio da Costa Prazeres, Dr. José Augusto de Resende, Dr. Carlos Brandão e outros nomes ligados à Educação de Ubá: família Codinho, D. Sinhá, Dr. José Januário Carneiro.

Ao chegar ao destino, entraram e a mesa foi composta, tendo na presidência Monsenhor Paiva, secretariado por Dr. Levindo Coelho e Dr. Arduino Bolivar.

Depois dos discursos protocolares, Monsenhor Paiva Campos levantou-se e com ele os presentes e disse em voz alta e pausada:

"Tenho a honra e o prazer de declarar instalado o COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA DE UBÁ".

Aplausos e cumprimentos às religiosas: Mére Maria de Aquino, Mére Santa Fé, Mére Maria de Assis, Mére Saint Leon e Irmã Elisa.

A alegria era geral.

Dr. José Januário Carneiro agradeceu em nome das religiosas.

As irmãs voltaram a Casa Paroquial e somente

depois instalaram se definitivamente no velho solar do Cel. José Francisco Theodoro Gonçalves, casarão este que teve as honras do Paço Imperial em 1881, por alguns minutos, quando pertenceu ao Comendador Antônio Gomes Pereira, Chefe do Executivo em 1831, o primeiro prefeito a iniciar a pavimentação das ruas de Ubá, pela rua Direita e em frente ao Paço Municipal.

Dona Jenuca não foi registrada pela História, mas foi graças ao seu desprendimento e renúncia em conceder ou mudar-se para a fazenda, é que o colégio ponde ser instalado, pois sua residência ficava num ponto central da cidade, era uma sólida construção que poderia abrigar as religiosas e alunas internas. (Abrangia da esquina, até a casa onde hoje é a ESCOLA DE DATILOGRAFIA JUSTI, sendo sua proprietária neta do Cel. Theodoro José Gonçalves e D. Jenuca Gonçalves, figura de grande relevo na História de Ubá, sempre atuante nos movimentos sociais como na compra do atual relógio da Matriz São Januário, instalado em 1886.

A SEGUNDA SEDE DO COLÉGIO SACRÉ-COEUR DE MARIE EM UBÁ

Para a instalação do colégio, as famílias ubaenses forneceram todo o mobiliário, mas um fato que precisa ser conhecido, foi o desprendimento de REGINA GODINHO que doou todas as carteiras, Mapas, mundiais, quadros negros, mesas e cadeiras para as primeiras salas de aulas.

E essa emérita educadora de Ubá, fez mais ainda: passou todas as suas alunas para o recém-criado colégio, ficando somente com alunos do sexo masculino, privando-se de uma boa parte de seus rendimentos.

José Ignácio Godinho viajava para a zona rural com a finalidade de conseguir alunas internas.

O colégio tinha grande número de alunas.

Era necessário mais espaço.

Em 1912, Dr. Carlos Peixoto de Mello perdeu a política municipal e mudou-se para o Rio, esse grande educador ubaense deixou ainda seu último gesto de altruísmo: cedeu seu imóvel para a segunda sede do colégio.

Mas as alunas aumentavam.

O grupo dos Educadores de Ubá movimentou-se.

Levindo Coelho, José Augusto de Resende, Arduino Bolívar, Sebastião Ramos de Castro, João Cândio da Costa Prazeres, Sebastião Cotta, Lívio Carneiro, Dr. Fecas, D. Sinhá Carneiro, Regina Godinho, Monsenhor Paiva Campos, Carlos Brandão e outros companheiros, cotizaram-se e com outros donativos, resolveram comprar o velho solar de Cel. Domiciano Ferreira de Sá e Castro em mãos de herdeiros, para a sede do Colégio.

Jose Godinho ficou encarregado de localizar os herdeiros.

Já a esse ano de 1913 o Sacre-Coeur de Marie estava equiparado à Escola Normal Modelo de Belo Horizonte

Em dezembro de 1913 as freiras mudaram-se para o solar do Cel. Domiciano, ao Largo São Januário

Mére Maria de Aquino estava no Rio de Janeiro lutando para fundar outra Casa da Congregação, em Vila Isabel onde passaram muitas dificuldades, chegando a mendigar pela cidade. ("ESPLENDOR DA BONDADE").

Como Superiora da Casa de Ubá ficou Mére Maria de Assis, desde 1911.

Tudo ia muito bem na Casa de Ubá.

As famílias eram extremamente generosas e enviavam carros com mantimentos de suas fazendas e a despensa do colégio estava sempre bem abastecida, economizando dinheiro para suprir as necessidades da manutenção da Casa de Ubá e auxílio para o Colégio do Rio.

Porém, entre tantas alegrias havia uma imensa tristeza no coração das religiosas portuguesas: a falta de uma Capela própria!

"Como é triste e vazia a Casa Religiosa sem o seu JESUS SACRAMENTO!" «"ESPLENDOR DA BONDADE" - Página 147.»

Quanta força e alento traz a visita ao SUBLIME SENHOR da Casa!

Entre os privilégios das Casas religiosas, o maior deles é a PRESENÇA DE JESUS SACRAMENTO!"

As visitas rápidas, uma simples genuflexão cheia de Fé e Amor basta para reanimar as forças diante de momentânea dificuldade.

A qualquer pretexto, a religiosa curva-se diante do altar.

Se está alegre, sua alma exulta num "Te-Deum. de louvor,

Se está triste, a DIVINA PRESENÇA a conforta.

Mére Maria de Aquino, em 1913 era superiora da Casa do Rio.

Enquanto lutava para manter a casa, a bondosa Mãe enviou o altar trazido de PORTUGAL, a Ubá.

Porém o "altarzinho branco", onde o Sacrário vazio lhes fazia ansiar vivamente pela Divina Presença, permaneceu vazio até dia 31 de maio de 1913, data na qual foi celebrada a primeira missa conventual, ainda na casa do Cel. José Francisco Theodoro Gonçalves, à rua Treze de Maio.

Foi um dia marcante na vida da Congregação de Ubá.

Rosas artificiais foram confeccionadas por Mére Evangelista e Maria do Presépio.

Mère Maria dos Anjos ensaiou as alunas para os cânticos da missa, que ela acompanhou ao piano.

Mas, Jesus veio e ainda não ficou.

Somente dia 20 de julho de 1913 inaugurou-se a Capela

Missa e Bênção à tarde.

No altar, as Alfaias portuguesas.

Os vasos Sagrados: Âmbula, Cálice Custódia, tudo lhes trazia incontrolável emoção.

Durante a missa e a Bênção, as freiras choraram. Ninguém ocultou as lágrimas: a Superiora, Mere Maria de Assis, Mere Santa Fé. Mère Maria dos Anjos, Mère Maria do Presepio, Mere Vítima, Irmã Belmira, Irmã Elisa, Irmã Albina e Irmã Amália.

Ainda lembro-me de Irmã Elisa, já octogenária, sendo vigiada pelas companheiras, porque queria a todo o custo voltar para sua família em Portugal.

Reminiscências talvez da expulsão da terra e a sugestão da Mére Provincial, que em 1911 pensou em fazer retornar às famílias as freiras de Portugal.

Essa santa e humilde freira descansa na terra que a acolheu em 1911, há oitenta anos passados.

Entre os inúmeros episódios tristes da Congregação, quando de sua fundação em Ubá, um destes marcou profundamente a alma sensível e meiga de Mére Maria de Aquino e trouxe mesmo, uma mágoa ao bondoso Monsenhor Paiva Campos: a criação da Capelania do Colégio, em 1920.

Até a essa data, Monsenhor Paiva Campos atendeu às necessidades das religiosas e alunas.

Com o passar dos anos, a situação tornou-se insustentável, pois por mais de um ano tiveram que sair para assistir missa na Matriz, cujo horário não permitia a todas irmãs fazer a Santa Comunhão.

Durante a semana, a missa era em geral, às nove horas e aos domingos, às onze horas.

Era extramamente difícil "esperar em jejum durante tão longo tempo".

As alunas viam-se privadas da eucaristia, o que contrariava o apostolado das religiosas, empenhadas na evangelização das moças.

Não era raro as alunas ficarem sem a missa dominical, quando Monsenhor Paiva ausentava-se para atender às Capelas da zona rural, viajar, ficando as religiosas vários dias sem missa e comunhão.

Mesmo depois da inauguração da Capela, na sede do Colégio, no solar de Domício Ferreira de Sá e Castro, a irregularidade no horário das missas causava desordem e descontentamentos.

Monsenhor Paiva Campos, embora compreendendo a situação, não concordava em ceder a outro padre a tarefa que ele já não podia desempenhar satisfatoriamente, dado ao acúmulo de ocupações nas oficinas gráficas de "O APÓSTOLO", a direção da Banda Coração de Jesus e obrigações de Vigário.

Quando Mére Maria de Aquino ou Mére Maria de Assis lhe falava de necessidade de conseguir-se um Capelão para o Colégio, Monsenhor magoava-se e não concordava.

Pobre e emotivo Monsenhor Paiva Campos, como sofreu com seus entusiasmos na direção da Paróquia!...

Vêmo-lo carregando Rui Barbosa nos braços, quando este desembarcou em Juiz de Fora em 1910 em campanha política, política a qual devotava-se com exagerado fervor e lhe trouxe perseguições de Cristiano Rôças e outros mais políticos da época.

Temperamento apaixonado. Paiva Campos sentiu muito quando Mére Maria de Aquino, voltando da França em 1920, foi designada para Superiora de Ubá com a finalidade de resolver de uma vez a delicada situação da falta de um Capelão no Colégio.

Afinal, passaram-se nove anos, desde a fundação e a carência religiosa era lamentável.

Somente em fins de novembro chegou o segundo capelão do Sacré-Coeur de Marie em Ubá, o Padre francês, João Lerry.

Não vamos historiar o sofrimento de Mére Maria de Aquino.

Paiva Campos moveu céus e terra contra a designação do Capelão.

Mére Maria de Aquino foi acusada ante a Superiora Geral.

Parecia até com a polêmica de Sete Lagoas, com o padre Sanson, que teimava em convencer Mére Maria de Aquino em tornar-se irmã de hospitais.

O padre apelou para a Suprema autoridade do Bispo Diocesano, que segundo ele, poderia modificar os Estatutos da Congregação.

E mais uma vez, D. Silvério ouviu as reclamações dos vigários de sua Diocese, contra a firmeza de Mére Maria de Aquino.

Mas aquela portuguesa, nascida Emilia Vieira Ribeiro, dia 21 de novembro de 1870, afilhada de Nossa Senhora das Dores, nascida em CHAVES, onde o velho Convento de Nossa Senhora da Conceição fôra seu primeiro recanto espiritual, aquela portuguesa não temia sofrimentos e superou a tristeza de ler o "O APÓSTOLO" que em artigo velado queixava se da ingratidão que julgava perceber na firme disciplina de Mére Maria

de Aquino.

“AMICE AD Quid Venisti?” Queixava-se Monsenhor Paiva Campos.

O tempo passou, três anos depois, Monsenhor Paiva Campos resignou à Paróquia, mas permaneceu em Ubá.

Antes de sua morte, em 1928, recebeu uma longa carta de Mére Maria de Aquino, já MÈRE PROVINCIAL,

Monsenhor desfez-se em lágrimas e reconheceu o seu exagerado zelo, que o levava a não enxergar a verdade e necessidade de um Capelão para substituí-lo.

(Notas de: O ÊSPLENDOR DA VERDADE”.)

TEMPOS DIFÍCEIS

Instituída a Capelania do Colégio, em 1920, a Superiora Mère Maria de Aquino permaneceu em Ubá até 1925 e para substituí-la, veio Mère Maria Inês de Jesus, que muito fez na direção, principalmente aumentando dormitórios para o crescente número das internas.

Mas a superiora ficou apenas três anos em Ubá, indo em 1928 fundar o colégio em Belo Horizonte.

Nesse ano o colégio tinha 250 alunas.

De 1928 em diante, o velho solar do Cel. Domiciano Ferreira de Sá e Castro deu os sinais evidentes do passar dos anos em sua quase centenária estrutura de pau-a-pique.

Os cupins devoravam a madeira. O telhado caía, porque as ripas e caibros podres não suportavam o peso das telhas.

Cobria-se o teto com lonas, que ao menor vento das tempestades de verão, voavam longe deixando a chuva copiosa cair nos dormitórios, clausura, biblioteca e salas de aulas!

As irmãs, nessas noites de tempestade, passavam em vigília, carregando os baldes de água das goteiras.

Como não havia para-raios, as tempestades elétricas espalhavam raios por toda a parte: na cozinha, arrancando a faca da mão da irmã cozinheira, no banheiro, fazendo uma aluna sair gritando vestida com as célebres "camisolas de banho".

Para agravar mais a situação, as constantes cheias do Rio Ubá traziam cobras e aranhas que invadiam o andar térreo do colégio, assustando freiras e alunas.

Se Mère Maria de Aquino estivesse em Ubá, nessa ocasião, como deveria ter ficado assustada, ela que sempre tivera tanto medo de insetos e outros bichos!

Para substituir Mère Inês de Jesus veio Mère Maria do Calvário Carvalho.

É o "calvário começou realmente para o colégio. O péssimo estado do prédio afastou as alunas. De 250 caiu para 60.

Nos municípios vizinhos, fundaram-se escolas escolas normais e os pais preferiram suas filhas junto a si.

Em 1930 veio para Ubá Mère Maria das Dores Vieira Rabelo, a primeira vocação brasileira que Mère Maria de Aquino levou em 1919, para o Noviciado em BEZIERS.

O velho predio em ruínas precisava ser demolido, mas Mere Maria das Dores remendou o daqui e dali e construiu uma fachada nova, a mesma de hoje.

Educadora inteligente e dinâmica, imprimiu técnicas modernas à sua direção: instituiu novas modalidades de esporte para as alunas, como tênis, volei, basquete e cricket.

Fundou o Grêmio Literário, com sessões periódicas, presididas por algum personagem ilustre e literatos da cidade ou convidado.

() colégio renasceu.

As vocações aumentaram, multiplicaram.

Mère Maria das Dores, devido ao seu espírito avançado para sua época, incompatibilizou se com o processo educacional da Congregação e deixou a nas décadas de 1940.

Mas não deixou a vocação de religiosa.

Fundou um modesto educandário em São Paulo, onde a conheci, vestida como uma religiosa, a Cruz ao pescoço, fiel à religião e ao celibato.

Nos dias atuais, ela não deixaria sua querida Congregação.

Nessa época de 1930 a 1935, os estabelecimentos de educação, fundados pelos Educadores de Ubá sofreram perseguições dos "revolucionários" de 1930: o Ginásio Mineiro foi fechado, a Escola de Farmácia e Odontologia de Ubá foi perseguida e acabou sendo fechada e o colégio teve suas horas amargas também.

Em 1935 veio para Ubá Mère Esperance Dietz, idosa, inteligente.

FECHAR UMA CASA DA CONGREGAÇÃO É RETROCEDER..

Mère Esperance Dietz ao assumir a direção percebeu que o seu trabalho mais urgente seria a reforma do prédio, mas não havia dinheiro para tal obra.

Estava próximo o Jubileu de Prata e nada poderia ser feito.

Terminado o triênio administrativo veio a substituí-la Mère Maria Gonzaga de Castro.

O número de alunas era cada vez mais diminuto.

A provincial, Mère Inês de Jesus Soares Teixeira pensou seriamente em fechar a Casa de Ubá.

Mas ao expor sua idéia ao engenheiro DR João De Lamare São Paulo, este disse-lhes a célebre frase que deu ânimo à Mère Provincial:

“... Fechar uma Casa da Congregação é retroceder.

“O que é preciso é que ela prospere sempre e em toda parte.”

Palavras de ouro e de Fé que ergueram o ânimo da Provincial.

Em março de 1939, o Comandante De Lamare São Paula veio com sua esposa e a Provincial em visita a Ubá, onde tinha parentes.

Permaneceu durante três dias medindo o terreno, estudando as condições do colégio.

Ao voltar ao Rio, começou a fazer a planta do novo prédio que seria construído e, em menos de três meses, a planta foi entregue à Provincial.

As obras iniciaram-se dia 13 de junho de 1939 e foram supervisionadas periódicamente pela Provincial e o Comandante De Lamare.

A construção ficou sob a responsabilidade de João Gori, mas este falecendo depois, seu substituto foi DR João Gori seu filho.

Não vamos historiar a construção do novo prédio.

Basta dizer que enquanto durou a construção o colégio não deixou de funcionar. As salas eram substituídas a cada fase da obra,

Tudo virou de cabeça para o ar. Desde a Clausura, até as salas de aulas.

E finalmente, em 1941, a FOLHA DO POVO noticiava:

“Bênção e Inauguração da nova Capela do Colégio Sacré Coeur de Marie pelo Exmo D. Helvecio, Arcebispo de Mariana.”

Vale a pena descrever a solenidade

Neste dia, 27 de setembro de 1941, as alunas em uniforme de gala, saía pregueada, azul marinho, blusas brancas de mangas compridas, em fustão de seda, luvas brancas, boina azul de feltro e sapatos de verniz preto, enfileiravam-se no corredor que conduz à Capela. Eram a guarda de honra da comitiva, encabeçada pelo Arcebispo D. Helvécio, sob o Pálio, carregado pelos homens mais importantes da cidade.

Acolitavam o Arcebispo os padres, Ibrahim Caputo e Luiz Gonzaga da Silva.

Acompanhando o Arcebispo vinham: DR Levin do Coelho e esposa, DR Ozanam Coelho e esposa, DR Mário Rocha, Juis de Direito; DR João de Lamare e esposa; DR Theofilo Moreira Pinto e esposa; DR Adjalme Carneiro e esposa; Geraldo Alves do Vale e Lurdes Coelho do Vale; José Gonçalves Solero e Guida Soares Solero; Rubens Gonçalves e Lila Carneiro Gonçalves; e a menina Clarita de Lamare São Paulo.

Voltaram os bons tempos de prosperidade.

As alunas chegaram a 500 e as internas somavam 270.

Mère Maria Gonzaga ficou sete anos na direção, de 1935 a 1946, deixando o colégio próspero, depois de suportar a construção durante três anos, com todas as dificuldades provenientes da casa em desordem.

Não vamos historiar ano após ano as lutas das religiosas e as dificuldades com a expansão das Casas em diversas capitais ou cidades brasileiras.

Em nossa memória desfilam nomes ligados a família, como Mère Maria Imelda, a meiga Zilah Vieira, que finou-se com ares de santidade e a qual conheci em 1940, quando casei-me com o irmão caçula da família

Ao visitá-la ela disse-me:

“Não sei como seus pais deixaram que se casasse com o José, recém-saído de um tratamento pulmonar tão recente.

Deus espera muito de si...

Os anos passam, as aulas de Canto Orfeônico no salão nobre, acompanhadas no velho piano e as alunas mais levadas da classe inquietas cantando ‘FUNICULI-FUNICULÁ’, eu tão adepta da música italiana, tentando que as alunas cantassem o ritmo alegre dessa peça popular italiana.

E Mère Elizabete (francêsa) e Mère Coração Jesus impassíveis, mantinham a disciplina.

A OBRA DOS TABERNÁCULOS, na qual fizemos parte durante anos seguidos enquanto Mère Saint Marie supervisionava nossos trabalhos.

Lembramos a saudosa Ruth Dutra Carneiro, Olga Carneiro e Emília Leite Azevedo nas Salas das Antigas Alunas saboreando a tradicional merenda oferecida pela fidalguia das religiosas. Eram finos sequilhos, feitos pela habilidade de Irmã Elisa e um saboroso refresco de groselha.

Mère Loyola, sempre expansiva e dinâmica; aparecia para conversar com a infindável tagarelice da Olga Carneiro, contando « os casos do Zézé ».

E no fim de tudo, os sons do piano no andar superior, Mére Perpetuo Socorro, muito alva e rosada, com seu sotaque português, pacientemente tomava as lições das alunas.

E dias difíceis também voltaram.

A época da « horta de repolho e vacas magras »,

Flores de seda, organdi e veludo,
Mãos de fada, com maestria executava,
Madame Saint Joseph em tudo,
Às alunas, o saber ministrava.

Irmã Belmira, a boa enfermeira,
Numa cruel e dura enfermidade,
Velou, com ternura minha cabeceira,
Quando me surgia a mocidade.

(Aos 16 anos, Anita, em abril de 1914, foi acometida da febre tifo).

Solicita, risonha, a todas atendia,
Irmã Luciana, por todos querida.
De minuto em minuto à porta batia,
Sua missão era árdua e revida.

Irmã Judith, companheira admirável,
Substituiu, com carinho, a Irmã da portaria,
Dura e abnegada missão, sempre incansável,
Com ternura, amor, dedicação, sorria.

Irmã Rita, na rouparia, labutava,
numa ordem impressionante e impecável.
Concertava, pregava botões, costurava.
Atendendo as alunas, sempre amável.

Irmã Albina de Irmã Rita auxiliar,
Dia e noite, na rouparia, era encontrada,
Com a humildade que lhe era peculiar,
Pelas Irmãs e alunas, sempre admirada.

Soeur Leontina! Soeur Leontina! Alguém
Com insistência à sua procura ia.
- Dê-me uniforme, sapatos e meias também.
Quanta alegria em ser útil! . . . - Sorria,

Madame Cecília, bondosa e paciente,
Aceitava da juventude, a rebeldia,
Incumbência dura. Era Mestra Assistente
Incansável, a classe média dirigia.

Irmã Elisa, simples, bondosa,
Com sua pronúncia lusitana,

De Portugal trouxe a Pátria saudosa
Receitas mil de guloseima lisboana.

Irmã Adelina, na culinária, ideal,
Para o bom paladar incansável preparava
Pratos ários, vapetitosos, sem igual,
Acepipes gostosos, a todos agradava.

Anita Soares Rapyo matriculada no Externato,
com o número 7. No semi-internato e, finalmente, no in-
ternato com o número 76.

Em 1913 fez toda a escrita para a Equiparação
do Colégio à Escola Normal Modelo de Belo Horizonte,
em setembro desse mesmo ano.

IRMÃS SUPERIORAS EM UBÁ

- 1a. - Mére Maria de Aquino. (Emília Vieira Ribeiro)
- 2a. - Mère Maria de Assis
- 3a. - Mère Maria de Aquino Ribeiro
- 4a. - Mere Maria Inês de Jesus Soares Teixeira
- 5a. - Mere Maria do Calvário Carvalho
- 6a. - Mere Maria das Dores Vieira Rabelo
- 7a. - Mere Esperance Dietz
- 8a. - Mere Maria Gonzaga de Castro
- 9a. - Mere Sacré-Coeur Toscano Barreto
- 10a. - Mere Sacrément Dias
- 11a. - Mere Saint Marie Azevedo
- 12a. - Mere Maria Bethania
- 13a. - Mere Inês (Maria Queiroz Mestra de Noviças. Mem-
bro do GOVERNO PROVINCIAL do BRASIL)
- 14a. - Mere Loyola. (Irmã Ana Maria Costa)
- 15a. - Irmã Marília Belini (Mère Maria do Presépio)
- 16a. - Irmã Joana D'Arc Athayde
- 17a. - Irmã Terezinha Cecchin (atual PROVINCIAL)
- 18a. - Irmã Joana D'Arc Athayde
- 19a. - Irmã Lucy Nacif Mendonça (Mere Maria de Pazzi)
- 20a. - Irmã Rita Deher
- 21a. - Irmã Joana D'Arc Athayde

Com a reforma, fundaram-se várias comunidades.

Religiosas que vivem em Ubá:

COMUNIDADE CORAÇÃO DE MARIA:

- Irmã Noemi Fernandes de Jesus (Mêre Martha)
- Irmã Alina Medeiros (Mere Maria de Jesus)
- Irmã Zilda Cavalcante (Mere Gertrudes)
- Irmã Elizabeth Cristina Thorton (Mere Sã Lucas)
- Irmã Carmem Maria Souza (Mere Maria da Paz)
- Irmã Hebe Costa (Mere Terezita)
- Irmã Marieta Mendes (Mere Tabernáculo)
- Irmã Jovita Marques (Irmã Serafim)
- Ir. Yone, M^{ca} de Andrade (Mere Rigori)*

COMUNIDADE GAILHAC:

- Irmã Joana D'arc Athayde
- Irmã Ercília Ciscotto (Mere Maria de Salles)
- Irmã Angélica Cordeiro
- Irmã Maria Costa (Mere Esperança)
- Irmã Clementina Batalha
- Irmã Nair Teixeira Soares (Mere Divino Coração)
- Irmã Maria Célia Rodrigues (Mere Stela Maris)

COMUNIDADE BOM PASTOR:

- Irmã Marie Luise Fornairon (Mere Elizabeth)
 - Irmã Sylvia Costa Rocha (Mere Sagrada Família)
 - Irmã Regina Dias Maciel
 - Irmã Nise Costa (Irmã Apolônia)
 - Irmã Eny Alcântara (Irmã Josepha)
- Residentes com a família:

- Irmã Celina Martins Corrêa (Mere Maria da Penha)

De Ubá as Irmãs começam a ir para outras cidades brasileiras e hoje estão em :

MINAS GERAIS:

Ubá
Belo Horizonte
Lima Duarte

ESTADO DO RIO:

Rio de Janeiro
Volta Redonda

ESPÍRITO SANTO:

Vitória
Carapina

GOIÁS:

Goiânia
Barro Alto
Novo Planalto

SÃO PAULO:

São Paulo

DISTRITO FEDERAL:

Brasília

BAHIA:

Pindobaçu
Filadélfia

PARAÍBA

João Pessoa

Nesses lugares as Irmãs trabalham em escolas particulares e públicas, creches, hospitais, paróquias, comunidades de base, grupos de assistência ao menor etc.

Há Colégio Sagrado Coração de Maria em

Ubá
Vitória
Brasília
Rio de Janeiro
Belo Horizonte

